



Exposição temporária
Piso -1

01/03 — 03/06/2018

**NO
PLACE
LIKE
HOME**

No Place Like Home

Uma tábua de engomar torna-se absurda e assustadora, as portas de uma casa são deslocadas, de um copo de cerveja brota uma cauda... Ao alterar o material, a escala e a perspectiva, ou ao empregar a hibridização, a fragmentação e o reposicionamento, os artistas transformam objetos domésticos de modo a alterar a nossa relação com eles e a provocar uma nova reação ao que é familiar.

Os espaços, os objetos e os materiais domésticos foram surgindo cada vez mais como tema e fonte de inspiração nas práticas modernas e contemporâneas. Na transição do objeto funcional para a obra de arte, o objeto doméstico torna-se uma ferramenta na investigação dos papéis dos gêneros, no trabalho doméstico, na recolha e no acumular de objetos e num meio de refletir na casa, como o espaço central na formação da família e da memória, a identidade nacional e cultural.

Com origem no Museu de Israel, em 2017, *No Place Like Home* ganha agora uma nova expressão enquanto colaboração internacional entre Jerusalém e Lisboa. A exposição junta mais de 100 objetos, a maioria dos quais provenientes das coleções do próprio Museu de Israel, juntamente com um número significativo de obras do Museu Coleção Berardo, empréstimos generosos da Coleção Ellipse e de obras de arte de coleções privadas, galerias e artistas de todo o mundo.

Exposição experimental, *No Place Like Home* faz de objetos tornados obras de arte uma quase-casa dentro do Museu, explorando a questão de saber o que acontece se repusermos um objeto transformado no seu lugar “natural”, numa casa simulada. O tema, a amplitude e a configuração da exposição – bem como o seu catálogo inspirado no IKEA – oferecem-nos uma experiência de uma “casa” que é, a um tempo, familiar e desconcertante. Os visitantes desta exposição, concebida no espírito de um projeto arquitetónico, fazem parte da família. Instalar peças num “espaço doméstico” desafia o legado do cubo branco modernista e as divisórias semitransparentes pretendem revelar e encorajar a permeabilidade das influências e da emoção.

Em 1917, Marcel Duchamp apresentou um urinol invertido, criando um *readymade* e causando no mundo da arte um alvoroço que reverbera até

aos dias de hoje. Esta exposição celebra o 101.º aniversário da icónica *Fonte* de Duchamp e o 102.º aniversário do movimento revolucionário *Dada*. Em cada “divisão”, artistas dos últimos 100 anos são chamados a dialogar, envolvendo-se e interagindo entre si. Esta escolha curatorial sublinha o legado espiritual dos conceitos desenvolvidos desde *Dada* até aos nossos dias, desde o *readymade* até uma exploração contemporânea da migração, da deslocação e da itinerância do artista numa era de globalização.

Marcel Duchamp e o Readymade

O *readymade* ou “*readymade* transformado” é um *leitmotif* de *No Place Like Home*. Numa entrevista de 1963, Marcel Duchamp desdivinizou radicalmente o artista com esta afirmação de modéstia: “Um *readymade* é uma obra de arte sem um artista para a fazer.” Uma entidade criadora, inovadora, que esbate as fronteiras e as categorias tradicionais da história da arte, o *readymade* de Duchamp foge intencionalmente a uma definição simples. *Readymades* são objetos comuns expostos num contexto de arte. São utensílios pré-fabricados em produção em massa, normalmente inalterados, a não ser pela assinatura e a inscrição do artista. Neste caso, o ato criativo consiste na escolha ou seleção mais do que na execução manual.

Em 1913, Duchamp escolheu objetos produzidos em massa, que não o atraíam pela sua beleza ou pela sua fealdade, e instalou-os no seu estúdio, de modo pouco usual, suspendendo alguns do teto (*Hat Rack / Cabide para Chapéus*) e pregando um ao chão (*Trap / Armadilha*). Deste modo, não só deu ao objeto um “novo pensamento”, mas também fugiu “à conformidade” que ditava que a arte tinha de ser pendurada na parede ou apresentada em cavaletes. Enquanto os *readymades* serviam como objetos de contemplação privada, tornaram-se também o meio mais importante de o artista questionar as categorias, enfraquecendo noções de criatividade e autoria e rejeitando os aspetos “retinianos” e manuais da arte, a favor de uma abordagem conceptual. Caracterizados por aquilo a que Duchamp chamava de “falta de singularidade”, o *readymade* desafiou o estatuto, o valor e a “aura” da obra de arte original.



Plano da exposição

NO PLACE LIKE HOME

Design original da exposição:

Studio de Lange: Chanan de Lange, Yulia Lipkin

Renderings 3D originais: Eyal Rozen

Adaptação do design do espaço expositivo: ASA - Andrade e Sousa Arquitectos, Lda

Adaptação de renderings 3D: Mindprocess / António Carreira

As complexas ideias de Duchamp têm sido adotadas e modificadas a vários níveis de entendimento, embora o seu iconoclasmo, originalidade, abordagem conceptual e utilização imaginativa dos materiais e dos meios continuem a influenciar a arte até aos nossos dias.

House/Home

A língua inglesa tem duas palavras distintas que se referem ao local de habitação – “home” e “house”. O termo “house” identifica uma estrutura física que permite atividades domésticas, mas “home” é também um estado mental, caracterizado por uma noção de pertença, proteção, amor e abrigo. Uma casa (*home*) é um sítio localizado entre a realidade física e uma ideia conceptual, entre memórias passadas e aspirações futuras. A casa encontra-se no limiar que separa a intimidade privada e o mundo público de construções e cultura.

Uma casa (*house*) evolui para um lar (*home*) através de processos cumulativos. Camadas de significado e emoção desenvolvem-se entre o espaço e a pessoa que o habita. Das cavernas e cabanas primitivas aos arranha-céus contemporâneos, confiamos na arquitetura para nos abrigarmos da imprevisibilidade da natureza. Porque está profundamente enraizada nos nossos corações, é o local onde a incompreensão e o não reconhecimento são mais dolorosos. Nenhuma outra estrutura arquitetónica alberga uma gama tão vasta de ações humanas e emoções.

No Place Like Home examina as dualidades espaço/não espaço, casa/como-a-casa, através de trabalhos de artistas cuja prática criativa é catalisada pelo conceito e pela experiência de deslocação.

Freud e O Inquietante

Sigmund Freud, no seu inspirador ensaio de 1919, *O Inquietante*, esclareceu que a palavra *unheimliche* (palavra alemã para “inquietante”) tem a sua raiz numa palavra que significa “diferente da casa” ou “diferente do lar”, que descreve um estado de desconforto onde algo familiar se torna estranho. O inquietante é assustador e perturbador, porque é, ao mesmo tempo, “igual a casa” e “diferente de casa”, uma experiência

familiar que se torna desconcertantemente não familiar.

O diálogo entre o que é do lar e o que não é, o que é familiar e o que é estranho, exaltou artistas da vanguarda do período entre as guerras. Um objeto banal representado podia funcionar como um estímulo, fazendo com que “algo que devia ter permanecido escondido... viesse à luz.” Dadaístas e Surrealistas – e mais tarde artistas inspirados por eles – usaram objetos domésticos para materializar ideias e conferir a máxima realidade tangível às suas fantasias delirantes.

Feminismo na Cozinha

A cozinha e os seus utensílios levantam questões relativas ao trabalho doméstico, aos papéis dos géneros e à domesticidade. O apelo às armas pelas feministas, na década de 70, insistia em trazer a política para casa. A mulher precisou de resistir à sua “pacificação” pela sociedade patriarcal e de gritar bem alto o nome do seu opressor. As gerações seguintes de artistas mulheres partilharam a sua noção de casa como um espaço íntimo para a ativação de políticas de género e para refletir o “trabalho” das mulheres em casa, na sociedade e no estúdio.

As remodelações contemporâneas muitas vezes “democratizam” a casa, abrindo a cozinha para a sala de estar e de jantar. Tipicamente, estes apartamentos foram construídos na primeira parte do século XX, quando quem cozinhava era uma empregada, que entrava por uma porta de serviço, cozinhava e servia a partir da cozinha fechada, e vivia num pequeno quarto adjacente. Hoje em dia, esta organização já não se encaixa no estilo de vida dos donos da casa, sendo que tanto os homens como as mulheres podem cozinhar enquanto dão atenção aos filhos e aos convidados. As intervenções arquitetónicas permitem que um espaço físico exprima os valores em evolução dos seus habitantes.

As construções têm uma função real, bem como significados metafóricos, e comunicam em ambos estes registos.

Fonte

O impacto duradouro de Marcel Duchamp é particularmente evidente em “Casa de Banho” da exposição, onde é apresentada a *Fonte* (1917/ edição de réplicas, 1964) – o exemplo paradigmático da revolução conceptual dos 100 anos do *readymade*.

Quando Duchamp, usando o pseudónimo de Mr. R. Mutt, enviou um urinol invertido intitulado *Fonte* para a exposição na *Society of Independent Artists*, em Nova Iorque, em 1917, esta foi rejeitada e desapareceu do expositor. Um editorial não assinado, publicado na segunda edição de maio de 1917 da revista *The Blind Man* (editada pelo próprio Duchamp, por Henri-Pierre Roché e por Beatrice Wood), defendia *Fonte*, sob o título “O Caso de Richard Mutt”:

“Se foi o Sr. Mutt quem fez a *Fonte* com as suas próprias mãos, isso não tem qualquer importância. Ele ESCOLHEU-a. Pegou num objeto comum da vida, fez com que o seu significado habitual desaparecesse sob o novo título e ponto de vista – e criou um novo pensamento para aquele objeto.”

A influência crescente de Duchamp teve o seu clímax nos anos 60, com movimentos que incorporavam, se apropriavam ou desenvolviam a utilização do *readymade*; os artistas baseavam-se no repensar da arte de Duchamp e no papel do artista e das instituições de arte. Em *No Place Like Home*, o urinol de Duchamp é reposto na sua localização funcional original, como parte da experiência curatorial da exposição.

Winnicott e o Objeto de Transição

O urso de peluche representa a mãe na sua ausência, simbolizando segurança, afeto e amor. Estes sentimentos são quase indiferentes à fisicalidade daquele animal específico, de peluche, e podiam ser associados a um cobertor ou uma *T-shirt* velha, os quais são, por vezes, designados por nomes carinhosos.

O psicanalista Donald Winnicott inventou o termo “objeto de transição” para objetos que dão conforto psicológico na hora de ir para cama e especialmente em situações de transição pouco comuns. Abrangem a realidade e a irrealidade e ocupam um “espaço de transição”, que é uma fase

de desenvolvimento intermédia entre a psique e a realidade exterior. Winnicott defendia que nunca nos devemos perguntar se o objeto de transição é real ou irreal.

Pense na palavra “mãe”: ela é o ventre e os seios, a natureza e o sustento, a proteção e a punição. A palavra “home” tem um campo semântico de amplitude similar, dado o seu papel central como o lugar de intimidade, segurança e habitação – um lugar que permite a sobrevivência. Ambas evocam camadas de significado que ultrapassam as dimensões física e biológica.

Bachelard e A Poética do Espaço

Muitos dos artistas apresentados nesta exposição voltam-se para a casa como um meio de explorar o conceito de lar como um lugar íntimo, onde a realidade e o sonho, o corpóreo e o político estão indissociavelmente ligados.

No seu inspirador livro *A Poética do Espaço* (1958), o filósofo e fenomenologista francês Gaston Bachelard examina a experiência do espaço, focando-se na casa. E escreveu: “Se me perguntassem qual o principal benefício da casa, diria: a casa abriga o devaneio, a casa protege o sonhador, a casa permite-nos sonhar em paz... Tenho de mostrar que a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as memórias e os sonhos da humanidade. O princípio que faz esta ligação é o devaneio.”

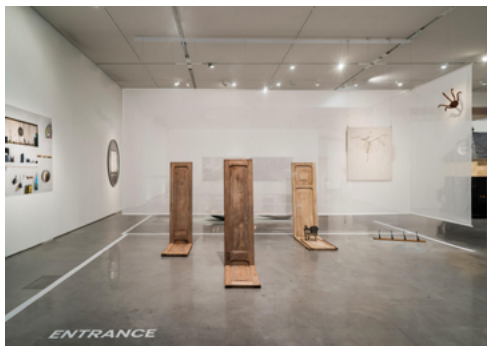
A Ideia de Casa

Com os seus objetos acumulados, a garagem reflete a prática de arrecadar, um comportamento que leva as pessoas a acumular comida ou outras coisas, reaceando períodos de escassez. Tradicionalmente é um espaço “masculino”, atravancado de ferramentas, que é conotado na sabedoria popular americana com o nascimento de ideias – o espaço onde nascem muitas vezes as *startups*.

O ato criativo da transformação e o familiar tornado inquietante caracterizam muitas das obras de *No Place Like Home*:

“Seja como for, é falso. Os que aqui estão não estão de chinelos, com as mãos a envolver uma

caneca de café vinda da cozinha, e o seu código social está claramente fixado no modo *outdoors*. E, ainda assim, continua a ser uma casa. Ou talvez a ideia (de uma casa), que, como um prisma, rompe o raio branco da luz que emana do despontar da nossa infância, vindo daquele lugar onde nos sentimos mais seguros e protegidos, acabando numa miríade de feixes vivos de luz colorida – incluindo as cores invisíveis do desconhecido. Exploro estes locais... e anulo as suas leis, cortando e colando para criar um local diferente, imbuído de um novo significado.”
(Hila Amram, 2017)



Vista da exposição
NO PLACE LIKE HOME
Coleção Vera e Arturo Schwarz de Arte Dada e Surrealista do Museu de Israel
Fotografia: Elie Posner
© The Israel Museum, Jerusalem, 2017

Dr.ª Adina Kamien-Kazhdan

Curadora da Exposição

Curadora Principal David Rockefeller

Departamento de Arte Moderna Stella Fischbach

Museu de Israel, Jerusalém

Textos baseados em ensaios de Esther Sperber,
Alyce Mahon e Adina Kamien-Kazhdan para
o catálogo da exposição.

Capa :
Marcel Duchamp, *Fountain*, 1917 / edição de réplica 1964.
© Succession Marcel Duchamp / ADAGP, Paris 2018. Photograph
© The Israel Museum, Jerusalem.

Serviço Educativo

Visitas orientadas e atividades
para escolas e famílias
Marcações e mais informações
T. 213 612 800
servico.educativo@museuberardo.pt
www.museuberardo.pt/educacao

Atividades com entrada livre

Visita orientada à exposição:
3 mar; 14 abril; 19 maio; 2 de jun
pelas 16h00

Visita temática "He CHOSE it":
10 e 24 de mar; 7 e 21 de abril;
12 e 26 de maio pelas 17h30



Catálogo da exposição em português e em inglês.

NO PLACE LIKE HOME
Capa mole, 176 pág.
À venda na loja do museu
14,90€

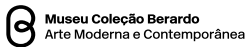
Partilhe a sua visita

@museuberardo

#museuberardo

📍 Museu Coleção Berardo

Siga-nos



Coprodução:



מוזיאון ישראל, ירושלים
the israel museum, jerusalem
متحف إسرائيل، اورشليم القدس

Mecenas:

Apoio à exposição:

/museuberardo

